

O Brasil em Movimento

De John dos Passos

Saraiva / Benvirá, 2013

|| Vera Alves Cepêda

Ler a coletânea de artigos de John dos Passos, *O Brasil em movimento*, publicada recentemente pela editora Saraiva (selo Benvirá), foi uma surpresa e um deleite. O texto é uma reedição, 50 anos após a primeira edição americana (1963) e primeira edição brasileira (Editora Record, 1964, com o título *O Brasil desperta*), do conjunto de retratos literários produzidos por Passos a partir de três viagens realizadas ao Brasil, em 1948, 1958 e 1962. Redigidos originalmente como matérias para a *Times-Life*, o resultado em livro acabou adquirindo o formato de um documentário, como tomadas deslocando-se no tempo, mas com um mesmo eixo gravitacional: o sentimento da transformação e ebulição social centrado no momento áureo do nacional-desenvolvimentismo brasileiro.

Essa talvez seja a primeira pista importante para a republicação deste livro. Apenas três gerações nos separam da experiência histórica dos anos 1950 e é com absoluto espanto que nos deparamos, a partir do texto, com uma paisagem e estruturas sociais impensáveis diante do atual estado de modernidade e urbanização do Brasil. Mesmo a familiaridade de um leitor especialista ou pesquisador da trajetória da modernização nacional impede a sensação de admiração diante da quantidade de lama, vazios espaciais, construções, indústrias, estradas, projetos e cidades que brotavam e se expandiam na densa marcha da ocupação da geografia nacional

e que surgem ao longo dos capítulos. Em suas três visitas, curiosamente articuladas entre o momento do Plano Salte e o limítrofe Plano Trienal, Passos produziu, através do texto impresso, uma fotografia da transformação do país em um canteiro de obras, em um projeto planejado capaz de inúmeras transformações. São sintomáticos os temas dos dois títulos atribuídos à obra, *despertar* (anos 1960) e *movimentar* (atual). No primeiro, a saída da letargia, uma sacudidela no marasmo que segura, que retém um povo/nação que dorme; no segundo, a noção de trajetória, de momento ou passo que pertence e ilumina um período fundamental da nossa história.

O que normalmente lemos em documentos do período, que subentendemos nas reconstituições produzidas pelos pesquisadores como contexto de uma época, torna-se realidade palpável através das quase 300 páginas do livro – como um álbum de fotografias que folheamos, com leve nostalgia. Além de permitir uma visualização nítida do Brasil dos anos 1950, Passos ilustra e adensa a paisagem, carregando-a com autopercepção dos atores – sejam intelectuais (como Gilberto Freyre ou o arquiteto Oscar Niemeyer), estadistas (como Juscelino Kubitschek), pavimentadores (como Bernardo Sayão e Israel Pinheiro), políticos (como Carlos Lacerda) ou os tipos humanos mais humildes, como os ladrilhadores de colônias de ocupação ou novas cidades como Ceres, Maringá, Taguatinga, Goiânia e diversas outras que pipocavam ao longo da ocupação material do mapa brasileiro. São falas, discursos, sonhos, controvérsias, preconceitos e disputas que retratam o sentimento e o sentido de uma época, dos candangos aos Chefes de Estado. Descortinam-se as

fontes da memória que se imporá adiante, como cânone ou invenção da tradição, como a imagem de Kubitschek na voz do mais antigo morador de Brasília: “*Era um grande homem; porque ele entendeu os três impulsos básicos que estavam por trás do progresso brasileiro: novas estradas, novas cidades, novas construções*”. A chave de todo o livro, incluindo o título, é a fé na transformação e a convicção na “ideologia do porvir”.

Para os analistas da dimensão política e cultural do desenvolvimento, e em especial do desenvolvimentismo, os retratos criados por John dos Passos revelam em tipos humanos aquilo que percebemos nas propostas e nos projetos governamentais. Apenas esta dimensão bastaria para catalogar *O Brasil em movimento* como importante documento histórico, objeto estratégico de análise para o campo do pensamento social e político, como forma literária capaz de apreender o real e, neste processo, desvelar sua tessitura.

Outro ângulo que impressiona na leitura do livro são suas contradições, ausências ou, de outro modo, a força de certas afirmações, carregando a obra com vários jogos de tensão: entre a cultura hegemônica americana e os déficits periféricos, entre o padrão moderno e o não moderno, tonalizados pela aceleração do cenário político da Guerra Fria. Mas, mesmo com essas tensões, em especial o pano de fundo de valores etnocêntricos, o ganho da leitura do texto torna-se ainda maior. Sente-se “o pulso” de um contexto simbólico em que à predominância de um ethos/parâmetro exercido pela cultura norte-americana se configuram as balizas da autopercepção (certa ou errada) dos problemas nacionais.

Entre as afirmações do autor (sujeito da narrativa) e o retrato (objeto narrado) se descortina o efeito “*de te fabula narratur*”, ao expor os valores que

movem o primeiro, mas também a incorporação dessa métrica pelos atores nacionais na aceitação ou mensuração de suas mazelas. A gramática que rege o texto resvala, no ângulo da “narrativa do estrangeiro”, muitas vezes, para um olhar superior, mais avançado. Surpresa é a presença dessa mesma sensação de defasagem nas falas recolhidas pelo autor em várias regiões e diversos estratos sociais. Temas como mimetismo ou importação de padrões de consumo cultural (vide análises da Cepal e de Celso Furtado) são capturados nas transcrições presentes em *O Brasil em movimento*. Mesmo preservando a configuração de um retrato de época e tentando evitar o risco do anacronismo, a leitura, por exemplo, do primeiro capítulo, “*O povo que o senhor pôs aqui*”, dá uma sensação desconfortável das raízes de nossos múltiplos e renitentes preconceitos.

Uma segunda tensão importante vem do campo político. A trajetória pessoal de John dos Passos é curiosíssima: seu sobrenome origina-se de uma remota ascendência portuguesa (um avô que imigrou para os EUA); sua carreira é de reconhecido literato no *mainstream* norte-americano, participante da “geração perdida”, que contou com escritores como Ezra Pound, F. Scott Fitzgerald, T. S. Eliot e Ernest Hemingway; transitou entre as duas guerras mundiais e a Guerra Civil Espanhola; iniciou próximo da crítica marxista e terminou sua carreira no campo da defesa dos direitos liberais (causa de seu rompimento com Hemingway). Com essa biografia, obviamente a leitura feita sobre um país que abusava da ferramenta do planejamento de cunho centralizador e que presenciava no período em questão o fortalecimento do discurso de esquerda acabará absorvendo um matiz ideológico.

No conjunto, a obra é valiosíssima. O estilo e o texto são primorosos. A capacidade de percepção

e revelação do ambiente de época de alta qualidade, em especial pela amplitude da cobertura feita. Passos viajou pelo Amazonas, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e visitou o “canteiro de obras” de Brasília. Pesa também a extensão temporal – visitas entre o final dos anos de 1940 e o momento pré-64 (de 1948 a 1962), capturando tanto o efeito dinâmico da transformação social quanto vários elementos de natureza política.

Por último, retomando a própria afirmativa espantada de Passos falando sobre Brasília, mas extensiva como uma metáfora sobre o Brasil do período: “*Foi como visitar Pompeia ou Monte Albano, mas ao contrário. Em vez de imaginar a vida que existia 2.000 anos atrás, víamo-nos imaginando a vida que haveria ali daqui a dez anos*”, a leitura do livro nos leva a perguntar sobre o resultado dessa promessa febril. Afinal, onde acertou e onde errou o recurso raro a uma energia social tão intensa? A leitura de *O Brasil em movimento* recupera um momento importante da arqueologia do presente e pode nos ajudar a pensar melhor aonde queremos chegar no futuro.

§